

**decisão inicial, indeterminação final**

**Cayo Honorato**

*A questão é o desejo do pensamento*  
Blanchot

Os seis projetos<sup>1</sup> aqui apresentados em sequência foram elaborados no contexto da disciplina *Projeto Interdisciplinar*, que integra o sexto período dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais da UnB. A disciplina funciona como uma etapa preparatória do Trabalho de Conclusão de Curso, de modo que o desenvolvimento do projeto pode ser pensado para o semestre final da graduação. Sua ementa enfatiza que o projeto – ou aquilo que será efetivamente pesquisado – deve ser proposto pelas alunas. Como professor da disciplina, procuro orientá-las na elaboração de um projeto de pesquisa, a partir de uma pergunta que eles proponham para esta situação de forma decididamente pessoal. O plano de ensino define uma sequência de etapas, que correspondem às etapas elementares de um projeto, e sugere uma quantidade de textos de referência, que não se limitam a manuais de pesquisa ou metodologia. Nem por isso, certamente, tais questões deixam de ter importância. Mas são trabalhadas em articulação com as demandas de cada texto, como se ouvindo o alerta de Michel Serres (2013: 46), para quem "*a oferta sem demanda morreu nesta manhã*".

Dado o caráter incipiente (e até mesmo efêmero) destes projetos – são possivelmente os primeiros projetos escritos por estas alunas em suas vidas –, a iniciativa de publicá-los pode parecer inusitada. Mas, justamente, porque é muitas vezes mais fácil encontrar manuais genéricos do que exemplos concretos de projetos, que essa iniciativa talvez ganhe pertinência.

---

<sup>1</sup> Quais sejam: *A educação de surdos no processo de ensino aprendizagem no campo das artes visuais* de Mirela Borges Martinho Freire; *A hegemonia europeia e a falta da arte oriental no departamento de artes visuais da UnB* de Mariana Alves Lopes; *Arte Contemporânea: disputas na construção social dos valores artístico e de mercado* de Gisele Rabelo Machado; *A importância do ensino das artes visuais para o desenvolvimento infantil* de Laura Leal Martinez; *Fotografia de Rua. Reflexões Sociais* de Tiago Cesar Moraes; *O Papel da Arte nos Videojogos de Horror da Última Década* de Amanda Cristina de Souza Santos.

A elaboração de projetos em fase de formação envolve reflexões que não são exclusivamente pragmáticas. Costumo dizer a minhas alunas que, nesta etapa, elas se encontram em uma encruzilhada não trivial do currículo. Com frequência, o exercício ao mesmo tempo prospectivo e retrospectivo que a tarefa lhes exige – considerando que a elaboração de uma pergunta de pesquisa costuma revolver os arquivos e memórias de suas experiências acadêmicas, profissionais e existenciais – as leva a avaliar suas próprias perspectivas e posicionamentos no mundo. Não são raras as manifestações e relatos de crises de todo tipo. A quem dedicarei meu inter-esse? Em meio a quem estarei, com o que irei permanecer? (Heidegger, 2008) Em todo caso, os projetos habitam uma passagem – daí sua efemeridade –, que no entanto deve ser registrada.

E por que não compartilhada?

Suponho que parte dessas “*crises*” esteja associada à exigência própria da pesquisa de adentrar o desconhecido. É comum aparecerem “*projetos*” (ou escritas em andamento) que buscam defender algo que já se sabe, mais do que se expor – de maneira organizada – àquilo que ainda não se sabe, para então buscar saber, desaprender, reaprender. Nesse caso, o texto tende a se apresentar como um ensaio dissertativo, isto é, como uma coleção de asserções, em torno de perguntas que terminam sendo retóricas, mais que uma articulação aberta de dúvidas, hipóteses, reflexões. Alguns dos projetos que apresentamos ainda guardam marcas dessa confusão. Certamente, expor tal articulação ou, em última análise, estar em pesquisa implica disposições não só intelectuais, como também afetivas, corporais, performativas.

Também a polissemia do termo “*projeto*” frequentemente faz com que sejam imaginados projetos de produção em arte ou educação (e não necessariamente de pesquisa), isto é, de intervenção a partir de uma vontade prévia que se gostaria de realizar, reproduzir, difundir. Também há traços disso nos projetos em questão.

Trata-se de uma significação majoritária do termo, que envolve toda uma atividade ou modo de racionalização sociais – a ver com a própria necessidade da antecipação – (cf. Groys, 2014), que por sua vez se manifestam, particularmente, nos procedimentos de submissão e seleção daquilo que receberá determinado tipo de apoio ou legitimação, mas que também podem ser *reapropriados* como uma espécie de mídia para as práticas artísticas e curatoriais – o que inclusive já foi discutido por alguns projetos de exposição (cf. Proença & Winter, 2009). Mas não foi desse tipo de projeto que nos ocupamos.

Orientar a elaboração de projetos, diferentemente do desenvolvimento de pesquisas, a meu ver, exige uma abertura maior aos interesses das alunas, não cabendo limitá-los à minha capacidade de orientação. Certamente, porque os limites dessa capacidade são inevitáveis, costumo recomendar-lhes que a relação entre seus desejos individuais de pesquisa e uma capacidade de orientação institucionalmente instalada seja, tanto melhor, abordada como um problema no interior dos projetos, na própria elaboração de sua im/pertinência a determinados campos de pesquisa. Em todo caso, a indicação de possíveis orientadoras, por exemplo, que as alunas pudessem buscar no âmbito do Departamento de Artes Visuais, só lhes foi feita a posteriori. Pode ser que alguns não as encontrem prontamente, ainda que tenham redigido bons projetos. Nesse caso, terão desafiado a demanda, como pode ser o papel de muitos desejos, com todos os riscos que isso implica.

Os projetos resultantes do trabalho desenvolvido no primeiro semestre de 2017 – com uma turma de dez alunas, da qual seis alcançaram um rendimento satisfatório em todas as suas etapas – compreendem uma diversidade de temas: o papel das artes visuais na criação de videogames de horror; as relações entre o valor estético e o valor mercadológico das obras de arte; o papel das artes visuais no desenvolvimento infantil; o caráter eurocêntrico do currículo de história da arte; o papel das artes visuais na educação em libras; a dimensão politicossocial da fotografia de rua.

Certamente, alguns procedem de uma relação de orientação já iniciada com outras professoras, enquanto outros questionam a própria formação que lhes foi oferecida. Alguns sinalizam zonas de contato entre os diferentes cursos do departamento de Artes Visuais, enquanto outros estabelecem possibilidades de relação com outros departamentos da universidade (Design, Letras, Pedagogia, Psicologia). A propósito, também sua interdisciplinaridade foi definida a posteriori.

Permanece como um problema para a disciplina, particularmente (mas não exclusivamente) no caso das alunas do Bacharelado, a relação entre a escrita de um projeto e as práticas artísticas que elas desenvolvem noutros contextos. A elaboração de uma escrita poética, por exemplo, como saída para uma divisão entre teoria e prática, ou melhor, entre texto e visualidade, ainda não foi, ao menos durante minha experiência com a disciplina, assumida por nenhuma aluna. Mais frequentemente acontece de tomarem o projeto como oportunidade para o aprofundamento de questões teóricas que lhes interessam como artistas em formação, mas que ainda não são elementos constitutivos de suas práticas. Estas são algumas das inquietações que, para mim, perpassam o lugar dos projetos na formação em Artes Visuais. Certamente, há muito mais por ser considerado. Espero que a disponibilização destes projetos em específico possa animar outras alunas e professoras a se engajarem nessas discussões. Também que as pesquisas no âmbito da graduação possam, efetivamente, destinar-se aos espaços de pesquisa e atuação que elegerem como interlocutores, mais do que servir de instrumento à obtenção de um diploma.

BLANCHOT, Maurice. A questão mais profunda. In: \_\_\_\_\_. *A conversa infinita: a palavra plural*; tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Esculta, 2001, pp. 41-61.

GROYS, Boris. La soledad del proyecto. In: \_\_\_\_\_. *Volverse público: las transformaciones del arte en el ágora contemporánea*; traducción de Paola Cortes Rocca. Buenos Aires: Caja Negra, 2014, p. 69-81.

HEIDEGGER, Martin. *¿Qué significa pensar?*; tradução de Raúl Gabás. Madrid: Trotta, 2008.

PROENÇA, Luiza & WINTER, Roberto. Temporada de Projetos na Temporada de Projetos. [2009] Disponível em: <<http://bit.ly/2uCB4p9>>. Acesso em 19 de jul. 2017.

SERRES, Michel. *Polegarzinha*; tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.